



TEFC – A Última Tentação

2024

A Última Tentação!

Introdução:

O pensamento anticlerical do século XIX propõe uma nova visão sobre uma história antes narrada exclusivamente pela Igreja Católica. Essa história, que serve de ponto de partida para nossa reflexão, é a de Santo Antônio e sua santidade.

Santo Antônio (ou Santo Antônio) foi um monge que se retirou para o deserto e vivia em uma caverna, jejuando, se penitenciando e se alimentando de gafanhotos e mel. Seu objetivo era se afastar das tentações mundanas e se aproximar de Deus.

Antão viveu 105 anos, quase toda sua vida na caverna, enfrentando diariamente os ataques do demônio, que o atormentou por quase oito décadas com astúcia e crueldade. Quando se dedicava à oração, o demônio o levava ao ar, ameaçando arremessá-lo contra o chão caso não parasse (imagem retratada no quadro *The Torment of Saint Anthony*, de Michelangelo). Ao olhar para o crucifixo, ele tinha visões perturbadoras de uma mulher nua sobre ele. E quando jejuava, sua mesa se enchia com os mais variados manjares. Mas Antão resistiu a todas as tentações.



Michelangelo Buonarrote *The Torment of Saint Anthony* 1487-88 Kimbell Art Museum Fort Worth Texas.



Matthias Grunewald, *As tentações de Santo Antônio*, 1512-16, Colmar, Musée d'Unterlinden.

Ele era um homem excepcional, com uma força de vontade quase sobre-humana. Quando se aproximava dos 105 anos, após décadas de resistência, o demônio, frustrado, se retirou, declarando-se derrotado. Virou as costas e disse: “Você venceu. Pela primeira vez, alguém foi mais forte que eu.”.

Em um momento de gratidão, Antão se ajoelhou e fez uma oração simples: “Muito obrigado, agora enfim eu me tornei um santo.”.

O demônio ouviu, sorriu e voltou.

Não por vingança, mas porque viu uma nova oportunidade. Percebeu que, ao invés de quebrar a vontade de Antão, poderia seduzir seu ego. A maior fraqueza de alguém que superou tantas tentações poderia ser a vaidade — a noção de sua própria santidade.

O demônio, então, se aproximou como uma sombra sutil e traiçoeira. Antão, que resistira a tantas tentações, caiu diante da mais poderosa de todas: a vaidade. A vaidade de ser santo, de se sentir superior aos outros por sua virtude, distorcendo seu propósito de bem.

Na última batalha de sua vida, Antão enfrentou a tentação mais astuta — a ilusão de que sua resistência o tornava melhor do que os outros. O demônio, sorrindo satisfeito, plantou na mente de Antão a semente da soberba. Essa é a grande vaidade do mundo atual, a armadilha que muitos enfrentam: o desejo de ser visto como virtuoso, que pode ofuscar a verdadeira humildade.

Desenvolvimento:

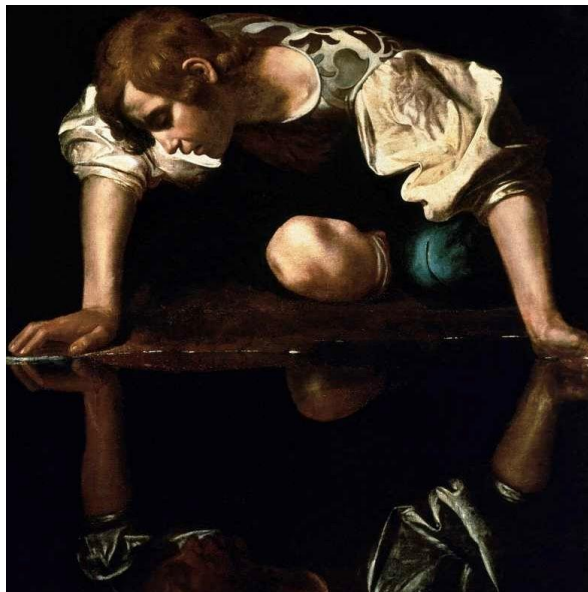
A história de Santo Antão nos oferece uma reflexão profunda sobre a luta humana contra as tentações, especialmente a vaidade, que é uma das mais traiçoeiras. Durante sua vida, Antão enfrentou demônios que tentavam desviar seu propósito, mas a vaidade foi a tentação mais difícil de combater. Ela surge mesmo nos momentos de virtude, levando à reflexão sobre o ego e o desejo de reconhecimento.

A vaidade, como explicam filósofos ao longo da história, não é apenas orgulho, mas um desvio que nos afasta da autenticidade. Platão alerta para os perigos de buscar a aparência e a reputação em vez da verdade. Quando nos tornamos vaidosos, passamos a viver para a aprovação dos outros, trocando nossa essência por um ideal superficial. A busca por

admiração pode nos conduzir a um labirinto em que a imagem que projetamos supera o que realmente somos.

A vaidade não se manifesta apenas em grandes feitos, mas também nas pequenas ações do cotidiano. Simone de Beauvoir, em "O Segundo Sexo", discute como a busca por aceitação social leva as pessoas a se conformarem a padrões externos, revelando uma vaidade que busca aprovação. Isso nos leva a questionar: até que ponto nossas ações são movidas pelo desejo de fazer o bem ou pela necessidade de reconhecimento? Santo Antônio, mesmo vivendo de ascetismo e virtude, não escapou dessa armadilha. A tentação de se sentir superior por sua resistência o confrontou de forma mais astuta do que as visões demoníacas anteriores.

A história de Narciso, da mitologia grega, também nos alerta sobre os perigos da vaidade. Ao se apaixonar por sua própria imagem refletida, ele se destruiu. Isso nos faz questionar: em nossa busca por reconhecimento, estamos nos conectando com os outros ou nos isolando em um mundo de superficialidade? No cotidiano, prêmios e posições de destaque nos incentivam à vaidade, mas o que os tornam motivadores de sucesso ou de vaidade? Seria a vaidade sempre negativa?



Narciso. Caravaggio. 1599, Galleria Nazionale d'Arte Antica. Roma – Italia.

A vaidade e a autoconfiança estão ligadas, mas não são a mesma coisa. A vaidade pode ser uma expressão externa da autoconfiança, refletindo satisfação com quem somos e o que conquistamos. Quando saudável, ela não busca aprovação externa, mas nasce do reconhecimento de nosso valor e habilidades. Nesse caso, é uma manifestação de amor próprio, sem cair na armadilha da validação.

Proposta de Discussão:

1. Você acha que a vaidade é uma característica presente nos indivíduos na atualidade? De que forma se manifesta? E quais exemplos você conhece dessa expressão nos lugares que frequenta?
2. É possível exercer a vaidade sem que isso traga prejuízos? De que forma isso pode ser feito?
3. Como podemos discernir entre uma vaidade que promove crescimento e uma que corrompe nossa essência?
4. A vaidade é uma característica inerente à essência humana ou é culturalmente construída e influenciada pelo contexto em que vivemos? Se considerarmos que a vaidade é uma construção social, até que ponto somos responsáveis por alimentar essa dinâmica?
5. Você acredita que ambientes como a ordem DeMolay ou a Ordem de Cavalaria podem, em alguns momentos, fomentar a vaidade entre alguns de seus membros? De que forma?

Cléio Pereira dos Santos
Identidade DeMolay: 68129
Priorado Nobres Cavaleiros do Sertão Baiano Nº156
Grande Conselho Estadual da Ordem DeMolay para o Estado da Bahia